

DÍVIDA PÚBLICA

Novo governo terá dificuldades para pagar seus débitos e baixar a inflação. Cotação do dólar é um fator decisivo

Marcos Fernandes 27.9.02



OPERADORES TRABALHAM NA BOLSA DE MERCADORIAS & FUTUROS: SÓ HAVERÁ TRANQÜILIDADE SE O VALOR DA DÍVIDA PÚBLICA CAIR

Conquistas ameaçadas

Fernanda Nardelli e
Vicente Nunes
Da equipe do **Correio**

O estouro da cotação do dólar deixará para o governo Lula uma dívida pública recorde, em torno de R\$ 900 bilhões, ou 65% do Produto Interno Bruto (PIB), a soma de todas as riquezas produzidas pelo país em um ano. Quando tomou posse, em janeiro de 1995, Fernando Henrique encontrou uma dívida de R\$ 153,16 bilhões ou 30% do PIB. O choque dos juros — cada ponto percentual de alta representa au-

mento de 0,3% da dívida em relação ao PIB — e o fato de 35% do débito ser corrigido pelo dólar resultaram nesse quadro explosivo. "A trajetória de queda da dívida é essencial para se retomar a credibilidade do país", ressalta o diretor-executivo do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial, Júlio Sérgio Gomes de Almeida.

A grande conquista dos últimos oito anos, o controle da inflação, também está ameaçada. Qualquer que seja o índice de preços observado, os números apontam para cima e assustam. Com a segunda prévia do Índice Geral de Preços do Mercado

(IGP-M), de 2,8%, a inflação acumulada em 12 meses passa dos 16%. Desde 1995, primeiro ano de mandato de Fernando Henrique, não se registrava índices tão elevados.

As perspectivas para 2003 não são diferentes. Segundo o economista-chefe do Banco Boreal, Elson Aguiar Teles, se os preços do dólar continuarem acima dos R\$ 3,90, a inflação mudará de patamar. Em vez de ficar próxima dos 5%, como prevê o atual governo, fechará o primeiro ano de mandato de Lula em dois dígitos. "Os preços estão pressionados pelo dólar. O novo governo precisa controlar a questão

cambial para a inflação não disparar", diz o professor Luiz Roberto Cunha, da Pontifícia Universidade Católica (PUC).

Além da inflação em alta e da dívida pública, Lula terá que fazer um corte brutal nas despesas para reduzir as taxas de juros e, assim, viabilizar o crescimento econômico. O desafio será maior porque, no primeiro ano de mandato, as margens de manobra serão muito pequenas. O Orçamento para 2003 é minguado e não há espaço para aumento de impostos — a carga tributária brasileira, de 34,5% do PIB, é uma das mais altas do mundo.